

## FRACTAL, RITORNELO E PENSAMENTO: ARTICULAÇÕES NA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

MIGUEL DELANOY POLIDORI<sup>1</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>UFPeI – Universidade Federal de Pelotas – miguel.polidori@gmail.com

<sup>2</sup>UFPeI – Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A Filosofia da Diferença é uma corrente filosófica cujas repercussões vibram nas mais variadas áreas do conhecimento. Por me situar num limiar de formação que transita entre a informática e a psicologia, penso que tal filosofia pode me servir de ferramenta para pensar o mundo e as pessoas nos tempos homogeneizados em que vivemos. Lapoujade entende tal filosofia como uma filosofia do movimento (LAPOUJADE, 2015), e é nesse sentido que direcionamos nosso trabalho. Característica marcante na obra dos dois principais autores-atores é o espaço dado para *concepções outras* de conceitos já existentes em áreas para além das ciências sociais. Exemplo de tal dinâmica é quando, ao pegarem “emprestado” – ou ao “contrabandear” – o conceito de rizoma da botânica, contrapõem uma apreensão dos fenômenos de forma arborescente, provinda de um espírito positivista e determinista, propondo uma concepção complexificada, onde os fenômenos estariam conectados, sempre emergindo multiplicidades, e multiplicidades de multiplicidades.

Realizamos um trabalho na tentativa de aproximação entre tal conceito, o de rizoma, com o conceito de fractal, provindo da geometria fractal. Concluímos que tais conceitos coexistem em planos distintos, mas podem ser correlacionados pois apresentam elementos análogos que facilitam a apreensão da multiplicidade dos fenômenos. Desta vez, nossa pesquisa será destinada para a aproximação do conceito de ritornelo ao de fractal tendo como ponte entre os dois, o ato de pensar, na tentativa de intensificar ainda mais nosso movimento de pesquisa. Deleuze e Guattari (1980) contrabandeam<sup>1</sup> o ritornelo da música, para trabalhá-lo em sua obra *Mil Platôs*, auxiliando no problema dos territórios existenciais, produtores de subjetividade. Para isso, o ritornelo opera com três momentos: territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Devemos marcar que “Não são três momentos sucessivos numa evolução. São três aspectos numa só e mesma coisa, o Ritornelo.” (DELEUZE & GUATTARI, 1980). Sempre habitamos um desses momentos, mas eles não cessam de interpenetrar-se. Mas como apreender a dinâmica desses três momentos? Acreditamos que a geometria fractal possa nos auxiliar nessa questão.

Na matemática fractal, os fractais são caracterizados por serem estruturas de uma complexidade infinita, onde o todo se assemelha a parte, a parte com a parte menor ainda, e assim consecutiva e recursivamente. São gerados por processos matemáticos naturais, equações, funções, repetidas infinitas vezes gerando infinitos detalhes. Alguns exemplos de fractais podem ser simulados em computador, enquanto outros são visíveis na natureza: as montanhas, as árvores,

---

<sup>1</sup> Tiramos a ideia de contrabando do documentário *A LINHA IMAGINÁRIA* (2014), que cartografa a vida na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. “O que pensas do contrabando? [...] O contrabando? Eu, na minha vida intrauterina já fui feito com matéria sintetizada contrabandeada, que minha mãe ingeria. Eu não gosto de falar assim de mim... sou contrabando, somos assim.”

o pulmão humano, o cair da água de uma cachoeira, o magma... (MANDELBROT, 1982). Quais reverberações surgem entre esses encontros teóricos?

## 2. METODOLOGIA

Para DELEUZE e GUATTARI (1991), o conceito possui três idades: a enciclopédia, a pedagogia e a formação profissional comercial. A primeira diz de uma noção universal já dada do conceito, “enciclopetizado”; a terceira, da captura do conceito pelas máquinas capitalísticas. A segunda nos é a mais valiosa, visto que a *pedagogia do conceito* suscita a criação de conceitos singulares para resolver problemas também singulares, através da experimentação. No mesmo sentido, HUR (2021) nos diz que a pesquisa esquizoanalítica incita uma espécie de hibridismo conceitual, já que é uma pesquisa investigação e ao mesmo tempo intervenção, onde não apenas a teoria transforma o dado, mas a produção de sentido sobre o fenômeno pode modificar as ferramentas conceituais e vir a praticar esta pedagogia proposta pela dupla.

Ao se tensionar a fronteira entre duas disciplinas, quais sejam, a da filosofia da diferença/esquizoanálise e a da matemática fractal, inevitavelmente estaremos criando um novo plano para a criação de novos conceitos (DELEUZE & GUATTARI, 1991). CONDE (2020), ao pensar tal transdisciplinaridade, posiciona tal investimento criativo como uma transversão, transformando as disciplinas em *disciplinas indisciplinadas*. Essa potência criativa, crítica, questionadora e sempre política nos leva à uma das principais concepções do que seria uma teoria para nossos pensadores autores-atores: uma caixa de ferramentas, onde os conceitos são sempre articulados a outros territórios, efetuando bricolagens datadas, localizadas e situadas subjetivamente e histórico-socialmente. É nesse sentido que apostamos nossas leituras, estudos, reflexões e criações junto ao fractal como conceito potente para auxiliar nossa prática psi e apreensão dos fenômenos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1982, Mandelbrot descreve, ancorado no campo da matemática da Teoria do Caos e na geometria não-euclidiana, a geometria fractal (MANDELBROT, 1982). Três propriedades marcam as estruturas designadas por Mandelbrot como fractais, sendo 1) a auto-similaridade: um recorte do fractal é similar ao todo. Trará sempre as mesmas características, independente da escala que a estrutura é vista. 2) a complexidade infinita: nunca será possível representar a estrutura em um plano, como seria possível com uma figura na geometria euclidiana, visto que seus detalhes são infinitos, o que nos leva a propriedade de número 3) a dimensão dos fractais não é necessariamente um número inteiro, e sim fractus, fracionária. A geometria fractal, junto à matemática não-euclidiana, seria capaz de “medir” estruturas não-lineares. Guardemos estas ideias para daqui a pouco.

Em DELEUZE e GUATTARI (1980), o “agenciamento territorial é um consolidado de meio, um consolidado de espaço-tempo, de coexistência e de sucessão. O ritornelo opera com os três fatores.”. Os agenciamentos territoriais, para os autores, seriam as inúmeras máquinas, compostas por componentes expressivos heterogêneos que agenciam e transformam nossa realidade, nossa subjetividade e as formas como nos relacionamos com o outro (humano e não humano) e com nosso corpo. Vejamos um exemplo: quais agenciamentos

maquímicos podemos apreender nessa nossa escrita? Há máquinas operando sobre nossa escrita, sobre a relação estudante-professor, sobre a leitura... E daí poderíamos seguir, em uma lógica rizomática, com exemplos até o infinito, movidos por uma perspectiva háptica<sup>2</sup>, guiados pela intensidade dos encontros. E assim os territórios se constituem, desfazem e refazem, mas nunca numa lógica linear. A geometria fractal poderia nos ajudar a conceber esta dinâmica de constantes transformações do ritornelo?

Algumas relações e analogias entre o ritornelo e as estruturas fractais começam a se desenhar. Um agenciamento territorial, ou seja, aquele que compõe um território existencial, necessita de um meio: da mesma forma que o cair da água em uma cachoeira o precisa, podendo ser apreendido por uma perspectiva fractal. Também necessita de um consolidado de espaço-tempo, ou seja, ele se desenvolve em uma malha espaço-temporal suficientemente consistente, assim como a água da cachoeira o faz, e tal malha é fundamental para o fractal “movimentar-se”. E, para completar, implica em coexistência e sucessão; da mesma forma que o cair da cachoeira implica em um movimento reiterado, o pingo lá de cima (ou o fluxo de água do início da queda d’água) está conectado do pingo de água que já deveio rio. Eles coexistem, pois é o ritmo da queda da água da cachoeira que implica o agenciamento, da mesma forma que a perspectiva fractal sobre essa queda nos indica sua autossimilaridade, independentemente da escala. Os pingos nunca são os mesmos, mas o problema da consistência (DELEUZE e GUATTARI, 1980) nos mostra que é a partir da repetição desses componentes heterogêneos que há a criação da diferença. Essa, para os autores, seria a importância da repetição, responsável por uma “memória” – presente nas estruturas fractais – criadora de uma sucessão de repetições nunca idênticas, ainda que por vezes semelhantes, às anteriores.

No exemplo da cachoeira, usamos somente a água como matéria expressiva que compunha o ritmo do ritornelo. Essa territorialização, desterritorialização e reterritorialização na/da cachoeira poderia ser mais complexificada se pensássemos em outros aspectos que marcam o território, criando outras dimensões (como num fractal, com suas dimensões fragmentadas). Por dimensão, os autores não se referem a uma medida, mas sim a um ritmo. Portanto, só há território quando componentes de meios param de ser direcionais para devirem dimensionais (DELEUZE e GUATTARI, 1980). Nesse sentido, nossa tese é de que o ritornelo, indissociável à noção de ritmo, conceito fundamental para a apreensão da constituição de territórios existenciais, pode ser melhor compreendido ao pensarmos em uma fractalização dos fenômenos. O que nos interessa já não é tanto o fractal, mas, sim, esse novo conceito que estamos tentando investir, que implica em movimento, espaço-tempo, diferença, repetição e ação: o “motor” do ritornelo pensado como um processo de *fractalização*. Mas como “alimentar” este motor? Como perceber esse “movimentar-se” dos ritornelos? Apostaremos na conceituação de Deleuze sobre o *pensamento*.

Deleuze, em seu clássico *Diferença e Repetição*, monta sua tese derrubando o principal elemento da filosofia até então: a identidade. Para ele, o pensamento não se daria por uma lógica cartesiana, onde “penso, logo existo”, indicando uma lógica predominante da representação. O pensamento seria movido pela diferença, de uma violência com a representação (DELEUZE, 1968); pensar é rasgar o plano da identidade e das imagens, é ir além da imagem do

---

<sup>2</sup> Contraponto uma perspectiva visual e auditiva, uma perspectiva háptica é a que trata de um agenciamento entre a visão e o tato, numa forma de sensibilidade sinestésica (HUR, 2021).

pensamento, onde o mesmo nunca é idêntico à sua versão anterior, sempre havendo diferenças, *constrangendo* a hegemonia sobre a qual as faculdades do pensamento apoiam-se no encontro com um objeto. Na diferença, o pensamento não concorda com o objeto, o que implica em um pensar sem imagens, criar outras “pensações” sobre isto ou aquilo. Por esse motivo, falamos aqui de uma prática que considera o devir como proveniente do pensamento sem imagem, do pensamento da diferença da ruptura da imagem sobre o *cogitatio natura universalis* (pensamento natural universal). Como no ritornelo e no fractal, o movimento pensamento não é mais linear, mas sim turbulento. Ao estreitarmos o ritornelo ao pensamento e apoiados sobre a geometria fractal, tentamos criar uma paisagem conceitual onde o ritornelo e seus processos de fractalização vão movimentando a diferença pelo pensamento, como no cair da cachoeira, no toque do tambor, no decorrer de um processo terapêutico...

#### 4. CONCLUSÕES

A relação entre o conceito de fractal e ritornelo ganha consistência quando pensamos a partir de características enumeradas por Deleuze e Guattari como *meio, espaço-tempo, coexistência e sucessão*. Características que exaltam a importância do *movimento* em suas teorias, e que aparecem de forma análoga na geometria fractal. Ao tensionarmos as fronteiras entre as duas disciplinas, criamos um novo plano para novos conceitos se transformarem. Contrabandearmos conceitos para criar novas formas de apreender os fenômenos e, como o ritornelo nos provoca, as subjetividades. Multiplicidades de multiplicidades agenciam os movimentos, mas nunca em um caos pelo caos; há a questão de como esses movimentos heterogêneos ganham consistência, “ficam de pé”: se fractalizam. As lutas pela diferença e o diferir-se são mais urgentes do que nunca, a psicologia e demais campos do conhecimento fervilham tais problematizações, e quanto mais ferramentas teóricas, inevitavelmente éticas e políticas, tivermos para nos auxiliarem em nossas jornadas, mais implicada e ativamente operaremos nossos ritornelos e fractalizações.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A LINHA IMAGINÁRIA.** Dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andreazza. Pelotas: Moviola Filmes, 2014. 26 minutos, Cor.

CONDE, H. **As subjetividades em revolta.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição.** São Paulo: Brasiliense, 1968.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1980.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.

HUR, D. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. **Práxis Educacional**, Bahia, v. 17, n.46, p. 1-18, jul./set. de 2021.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** São Paulo: N-1, 2015.

MANDELBROT, B. **The fractal geometry of nature.** New York: Freeman, 1982.